

BoletimTak!

AGENDA CULTURAL POLÔNIA BRASIL - Número 16 - Julho / Agosto 2020



"Igreja do Rio do Banho — Cruz Machado-PR" (2020), composição/ilustração digital, por Marieta Saporski Lopes Franklin

 NOSSA CAPA


**Marieta Saporski Lopes
Franklin**

Partindo de várias fotos da igreja cedidas gentilmente por Schirlei Freder, Marieta trabalhou a imagem em três programas de edição de ima-

gem, utilizando-se de várias técnicas digitais para chegar ao resultado final da ilustração, que teve a principal intenção de ressaltar a imponência e importância da igreja histórica do Rio do Banho e sua grande e urgente necessidade de restauração, ansiada pela comunidade da cidade de Cruz Machado-PR.

Marieta nasceu em Curitiba, 1962. Graduada em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do PR e especializada em "portraits" pelo Morley College de Londres. Residiu em Milão-IT de 1990 a 1993. Recebeu o prêmio internacional "Novum Comum" na cidade de Como, Itália, em 1992 por sua pintura "La Decisione". É autora do projeto "Vultos sobre Tela", onde retratou 30 personalidades da história de Curitiba, inaugurado em 2002 no hall da SEEC em Curitiba. Seu painel "Homem lendo o Jornal" está no acervo da TV Cultura em São Paulo e permaneceu por três meses como cenário do programa "Metrópolis" em

1999. Realizou duas grandes mostras em Milão. "Panchine di Italia - Colori dal Brasile" (1999), "50 anos da Bossa Nova" (2008), na qual reuniu duas linguagens artísticas com a quais trabalha: a pintura e a música. Sua pintura, onde a figura humana está sempre presente, foi designada como "figurativo moderno". Como funcionária estatutária da Fundação Cultural de Curitiba (desde 1996) sediada no Conservatório de MPB, foi cedida ao ICAC - Instituto Curitiba de Arte e Cultura a partir de 2004. Durante os anos de 2005 a 2011, foi Coordenadora de Programação Visual do ICAC, sendo responsável por inúmeras criações gráficas e digitais principalmente relacionadas à Música. Embora tenha assumido outro cargo na instituição, onde trabalha até os dias atuais, ainda realiza regularmente trabalhos de ilustração e arte digital para o Conservatório de MPB de Curitiba, além de trabalhos como freelancer.

AGENDA CULTURAL POLÔNIA BRASIL
Número 16 - Julho / Agosto 2020

Editora Chefe: Izabel Liviski
Assistente de Redação: Julio Cesar Buczek Ponciano
Diagramação: Axel Giller e Bruna Brugnolli Brescancini
Correspondente Internacional: Everly Giller
Revisão: Mariano Kawka
Capa: Marieta Saporski Lopes Franklin

REALIZAÇÃO:

Casa da Cultura Polônia Brasil

APOIO:

Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba

"Este projeto é cofinanciado com recursos do Ministério das Relações Exteriores da República da Polónia"

Convidamos os interessados a anunciar suas empresas e seus produtos em nosso boletim.

Contato:

takpoloniabrasil@gmail.com



EDITORIAL

Prezados leitores,

Na presente edição, tivemos a honra de entrevistar o atual presidente da Casa da Cultura Polônia Brasil, João Carlos Cwiklinski, eleito para a gestão que vai de junho de 2020 a julho de 2022. A ele e toda a diretoria atual, os nossos votos de uma produtiva e grandiosa gestão. Nossa capa foi especialmente produzida pela artista Marieta Saporski Franklin, para dar continuidade ao projeto de reconstrução da Igreja do Banho, em Cruz Machado, Paraná. Acompanhe a história, na matéria de Schirlei Freder, que é voluntária e uma das mais ativas militantes por essa causa.

Também comemoramos os 100 anos de relações diplomáticas entre o Brasil e a Polónia, matéria elaborada pela nossa correspondente internacional, Everly Giller. Apresentamos uma importante colaboração da professora Nelsi Pabis da Unicentro de Irati, trazendo um panorama da educação na Polónia especialmente no ensino fundamental, um exemplo a ser seguido!

Alcione Nawroski relembra os versos da poetisa Władysława Wołowicz – autora ainda pouco conhecida dos leitores brasileiros – e bastante apropriados para a nossa época: poesia que acalma a alma. Impressões de uma brasileira na Polónia, é o divertido relato de Leticia Manosso, sobre fatos curiosos e característicos do interior do país. Na seção Vultos Poloneses, o professor Michel Kobelinski de União da Vitória, esboça a trajetória do escritor Władysław Reymont.

Na seção Fotos do Mês, João Urban nos remete à pátria dos nossos ancestrais: Tu i Tam, imagens com semelhanças de costumes "daqui e de lá". Do excelente ensaio fotográfico desenvolvido por décadas pelo fotógrafo, selecionamos algumas imagens que personificam a religiosidade dos poloneses, um traço marcante e mesmo identitário desse povo. De acordo com professora Renata Siuda-Ambroziak da Universidade de Varsóvia: "(...) A identidade e a religião são ambas fenômenos culturais universais e excepcionalmente significativos, especialmente pelas suas capacidades de ao mesmo tempo mudar, preservar e legitimar a realidade."

Dziękuję i dobrej lektury!

Referência:

https://www.researchgate.net/publication/321686733_Religiao_na_construcao_da_identidade_etnica_dos_polono-brasileiros

Izabel LIVISKI
Diretora de Redação.

Igreja do Rio do Banho, Cruz Machado/PR



Foto da Igreja, acervo Sonia Niewiadomska.

No município de Cruz Machado, no Paraná, distante cerca de 300 km da Capital, Curitiba, encontra-se a capela de Nossa Senhora das Dores da Comunidade do Rio do Banho, conhecida como igreja do Rio do Banho. Foi a primeira capela construída na localidade, no ano de 1912, ainda antes da emancipação do município. Já realizamos uma menção a essa capela em edição anterior do Boletim TAK! (consultar a edição número 5, página 9).

Para celebrar a arte da capa criada com tanto carinho pela Mari Franklin Lopes, vamos trazer uma entrevista especial feita por Roseli Szymanek em junho de 2020. São dados importantes que passam a integrar o acervo e o dossiê para a restauração da igreja centenária.

A entrevista de hoje é com o Sr. Leão Szymanek, 69 anos de idade, descendente de poloneses. Seus avós vieram da Polônia em 1911. Quando perguntamos pelas razões da igreja ter sido construída no Rio do Banho e não no Pátio Velho, ele explica que "a igreja foi construída no rio do Banho por estar mais próxima dos colonos que já se deslocavam para ocupar seus lotes numera-

dos. Por isso, não foi construída no Pátio Velho". Considera importante a restauração, pois é uma construção centenária e representa o início do município de Cruz Machado.

Ele também nos contou sobre uma primeira reforma na igreja,



Leão Szymanek em sua casa. Foto: Roseli Szymanek

ocorrida em 1967. Ele então com 16 anos, trabalhou ativamente na reconstrução da capela. Ele relata que foram feitas reformas importantes e menciona a retirada do telhado, que era com as tábuas de madeira original, e estas foram substituídas por telhas. Também foi necessário um esforço conjunto para erguer toda a capela, utilizando ferramentas como "macacos", dentro das condições naquela época. Após conseguirem içar a igreja, retiraram a terra e fizeram novo "encepamento" para sustentar a edificação. Também fizeram um novo piso, e assim a igreja ficou protegida, tal como a vemos hoje.

Também perguntamos se ele tem conhecimento de quem foi o primeiro padre na igreja e ele nos conta: "Padre Paulo Thomalla foi o primeiro padre, que prestava assistência espiritual e social ajudando à população menos favorecida. Realizava uma verdadeira façanha, pois, utilizando cavalo emprestado encilhado e mais um cavalo cargueiro, seguia até Mallet e depois de trem até Ponta Grossa, onde buscava medicamentos para ajudar a cuidar da saúde dessa população. Mais tarde Antíoco Pereira chegou com sua farmácia para melhor servir a população". Segundo o Sr. Leão Szymanek, "a epidemia da febre tifoide ocorria em União da Vitória, porém na localidade conhecida como Cruz Machado, pois esta só foi desmembrada em 1952".

Ficamos muito felizes em trazer mais alguns fatos e façanhas que se passaram em torno da igreja do Rio do Banho a partir da memória viva de moradores locais.

Colaboraram nessa matéria:

Denise Joly BARCZAK
Roseli SZYMANEK

Schirlei Mari FREDER

Doutora e Mestre em Gestão Urbana (PUCPR), pesquisadora de assuntos ligados à polonidade no Brasil. Voluntária e colaboradora da Associação Polono-Brasileira Padre Daniel Niemiec, com sede em Santana, Cruz Machado/PR.

Entrevista com João Carlos Cwiklinski



João Cwiklinski, atual presidente da Casa da Cultura Polônia Brasil. Foto: arquivo pessoal.

• Inicialmente fale sobre sua trajetória profissional e acadêmica.

Sou graduado em Administração de Empresas com habilitação em Comércio Exterior pela FESP – Fundação de Estudos Sociais do Paraná. Profissionalmente sou corretor de seguros, atuando há 35 anos nos mais diversos ramos. No entanto, minha trajetória junto à comunidade polonesa não é profissional ou acadêmica, mas nata. Sou filho de poloneses, agricultores que na Segunda Guerra Mundial foram levados para trabalhos forçados na Alemanha e, em 1949, então com duas filhas, migraram para o Brasil. Já em Curitiba, nascemos, a terceira irmã e eu. Tivemos uma educação que sempre nos remeteu à Polônia, onde ainda mantemos contato com familiares.

• Como presidente recém-eleito da Casa da Cultura Polônia Brasil, quais os seus projetos para a nova gestão?

Sou sócio fundador e atuei como tesoureiro nas duas gestões anteriores. Neste período, percebi a necessidade de agregar mais pessoas. Como presidente, nossa gestão terá essa perspectiva, para que a Casa da Cultura se fortaleça ainda mais. Continuaremos desenvolvendo projetos na área histórica, artística e cultural, a exemplo deste *Boletim TAK!*, que leva os mais diversos assuntos para um grande número de leitores. Vamos dar continuidade

ao Projeto do Curso de Idioma, para o qual trabalhamos muito no último ano com o objetivo de ampliar a capacidade de alunos e turmas. O espaço foi duplicado com apoio da Sociedade Tadeusz Kościuszko. Esse projeto é muito importante para os associados, pois observamos que tem encurtado a distância entre o Brasil e a Polônia, e que, além do idioma, um dos pontos fundamentais para obtenção da Carteira de Polonês (*Karta Polaka*), promove atividades e encontros que ultrapassam a questão geográfica, e tem ajudado as pessoas tanto em viagens turísticas como nas relações familiares, acadêmicas e comerciais. Para realizarmos estas e outras ações, seguiremos buscando a interação com entidades polonesas, como já acontece com o Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba, o Ministério das Relações Exteriores da República da Polónia e a Stowarzyszenie Wspólnota Polska, que apoiam e viabilizam muitos desses projetos. Pretendemos também ampliar as relações e a cooperação com outras entidades, visando o fortalecimento de toda comunidade polonesa.

• Qual a sua visão sobre a valorização e preservação da cultura polonesa e polônica?

A preservação da origem foi uma constante na família. Meus pais sempre procuraram manter os hábitos, costumes e tradições da Polónia. Também nos ensinaram a

 PERSONAGEM DO MÊS

servir e cooperar, a exemplo de minha mãe, que foi sócia e colaboradora da Centralny Związek Polski w Brazylii-CZP – União Central dos Poloneses no Brasil. Assim nós, filhos, netos e sobrinhos, participamos sempre de associações, grupos folclóricos e corais. Hoje, tenho a cidadania polonesa e entendo que a cultura também é construída através da convivência com as pessoas. Neste sentido, é importante promover ações que nos possibilitem resgatar, compreender e preservar a história dos nossos antepassados, ou seja, a nossa história. Por isso valorizo muito os encontros presenciais que acontecem na Casa da Cultura. Ao compartilhar informações diversas, muitas pessoas estão identificando e resgatando traços culturais e históricos de suas famílias, trazendo sentido ao que às vezes não era valorizado, e fazendo com que se interessem cada vez mais por esse resgate. Proporcionar aos associados essa convivência, em um espaço edificando há 130 anos pelos primeiros imigrantes, também tem seu encanto e é parte da preservação da cultura polonesa e polônica.

• **Como ficou constituída a atual diretoria da Casa da Cultura Polônia Brasil, a qual você atualmente preside?**

A diretoria se completa com:

Secretária – Mari Ines Piekas;

Tesoureira – Celia Maria Deina Scholz;

Conselho Deliberativo: Denise Sielski, Paulo Cesar Kochanny, Raimundo Karwowski;

Conselho Fiscal: Carlos Augusto Saddock de Sá, Diego Maoski e Schirlei Mari Freder.

• **Qual a mensagem que você gostaria de deixar para os associados da CCPB e para os leitores do TAK!?**

Entendo que a diversidade étnica que formou Curitiba e o Sul do Brasil, sem dúvida, foi o diferencial para o seu desenvolvimento. Mas manter a identidade e destacar a cultura de cada etnia é fundamental para a preservação dos seus valores. Não se trata de protecionismo, mas de identificação de cada cultura.

Transmitir esses valores às crianças é a garantia da preservação e continuidade da cultura. Nesse sentido, além dos costumes praticados na família, uma maneira de envolvê-los é proporcionar o conhecimento da história, o aprendizado do idioma que os conectará, no nosso caso, com a Polônia, e a prática da dança folclórica, que fará com que eles se sintam parte da história. Desejo que as ações da Casa da Cultura Polônia Brasil, bem como de outras entidades polonesas, possibilitem às pessoas cada vez mais ampliarem suas relações pessoais, educacionais, culturais e profissionais com a Polônia.

Witamy w Domu Kultury Polska Brazylia!

Entrevista concedida por e-mail em Julho de 2020 à

Izabel LIVISKI

Diretora de Redação.

 VOZ DO LEITOR

Algumas mensagens e comentários que recebemos e agradecemos, sobre a publicação do boletim TAK! 15 (junho/julho):

> Agradeço-lhe e a todos os colaboradores do Boletim TAK!, inclusive aos ilustres membros do corpo diplomático, pela divulgação da polono-brasilidade tão rica, tão exemplar e ao mesmo tempo tão honesta! Humana, empenhada, modesta... Recebi o boletim número 15, com muita informação rica e variada sobre as relações polono-brasileiras, assim como publicando o reprint (devidamente citado) do meu artiguinho publicado na revista Barbante 2/2020: "Uma incursão pela comida polonesa...". Boas leituras, bom apetite, tudo num só! Mais a linda foto do barsch feito com base da beterraba vermelha, e toda a informação histórica sobre a Polônia guardada... Mais uma vez muito e muito obrigada! Espero que o nosso contato se mantenha para futuras realizações.

Aceite, por favor, as melhores saudações acadêmicas da Universidade de Varsóvia, e os votos de todo o bem possível.

(Anna Kalewska - Varsóvia, PL).

> Acabo de receber o n. 15 do Boletim, e parablenzo-os pela bonita apresentação e interessante escolha de conteúdos. Estou mandando com um forword para uma parente minha (polonesa) nos EUA. Obrigado por me terem incluído na lista dos destinatários.

(Ulf G. Baranow - Curitiba, PR).

> Dziękuję! Wiersz mi się podobał. Czy możesz napisać coś o pierwszym zdjęciu? Czy ci ludzie na zdjęciu to Polacy? Bardzo lubię stare zdjęcia.

Obrigado! Gostei do poema, poderia me escrever algo sobre a primeira foto? Essas pessoas na foto são poloneses? Gosto muito de fotos antigas.

(Dariusz Wójtowicz - Bergen, Noruega).

> Desde a 1ª. edição, sempre acompanho o belo trabalho realizado no TAK!, tendo tido oportunidade de participar com trabalhos e artigos meus. Estarei atento na contribuição de assuntos pertinentes à Polônia e à história dos emigrantes poloneses para diversos países, mas principalmente para o Brasil, dos quais sou descendente. Felicito pela oportunidade de nos oferecer um canal de notícias, principalmente do Sul do Brasil, das comunidades de colonização polonesa, suas manifestações folclóricas, festividades e lembranças dos usos e costumes próprias da etnia.

(Erico Szpoganicz – Diretor da Soc. Polônia de Florianópolis e autor do livro: "Szpoganicz – Poloneses em Pinheiral" - Florianópolis, SC).

Impressões de uma brasileira no interior da Polônia

Cresci rodeada de um mix de cultura polonesa e italiana. Uma parte da minha família tem origens polonesas e a outra é resultado da imigração do norte da Itália. Apesar de comer polenta quase todo domingo, minha comida preferida sempre foi o *pierogi*, aquele que a gente encontra na Feirinha do Largo da Ordem em Curitiba, ou nos eventos polacos que acontecem no Bosque do Papa. Na época de Páscoa, as tradições polonesas sempre acabavam predominando em minha família. Preparávamos a famosa cestinha com os mantimentos sagrados e levávamos para a bênção no Bosque do Papa. Quando eu era criança e participava desses sábados no Bosque, nunca imaginei que um dia eu apreciaria essas experiências pessoalmente no interior da Polônia, com uma família que segue as tradições à risca.

Mas, antes de chegar nessa parte da história, preciso voltar um pouco no tempo e explicar como fui cair em uma família polonesa! Pois

bem, conheci o Bartek, meu namorado polonês, em Curitiba, e confesso que levou um certo tempo para eu aprender a pronunciar o nome dele corretamente (Bartłomiej). O Bartek veio fazer um intercâmbio na cidade e ficou extremamente surpreso com a presença da cultura polonesa em todos os lugares, a começar pelos sobrenomes polacos dos paranaenses. São várias memórias que tornam clara a forte imigração no país. Houve um dia em que ele conversou em polonês com uma senhora no Bosque do Papa, visitamos o restaurante Kawiarnia Krakowiak e ele percebeu que é possível comprar *pierogi* em quase todo supermercado em Curitiba. Obviamente, depois de experimentar o nosso *pierogi* abrasileirado, ele fez questão de preparar a receita da sua avó para nós, brasileiros. E olha, nunca comi um *pierogi* tão saboroso e diferente! Na Polônia, um dos recheios preferidos é o de chucrute com cogumelos (*pierogi*

z kapustą i grzybami), e a presença do repolho fermentado faz com que o sabor vá se modificando ao longo dos dias, devido às reações bioquímicas que vão desenvolvendo novos cheiros e sabores. Por isso, é normal preparar o *pierogi* e outros pratos fermentados com alguns dias de antecedência, para saborear da melhor maneira possível. Outro detalhe importante é que este *pierogi* é frito na frigideira com um pouco de óleo, para dourar a superfície e ficar mais crocante. Fica fantástico!

Após cinco meses imerso na cultura brasileira, Bartek voltou para casa, e eu planejei minha ida à Polônia algum tempo depois. Eu já havia visitado a Polônia com minha família, mas confesso que pisar em território polonês acompanhada de um local fez com que a experiência fosse muito diferente.

5 fatos curiosos que chamaram a minha atenção ao longo das minhas idas e vindas da Polônia:



Vista da casa da avó do Bartek, responsável pela receita de pierogi da família. Foto: Letícia Manosso (arquivo pessoal).

 ESPAÇO DO LEITOR

• Capelinhas.

A família do Bartek mora em um vilarejo bem no centro da Polônia, e para chegar até a casa deles, percorremos muitos quilômetros entre campos e plantações. Em cada rua e esquina, há pequenas construções de madeira com muitos adornos, as capelinhas chamadas de *kapliczki*. Com uma cruz, uma imagem de Jesus ou Maria, e muitas flores, elas marcam o traço forte do cristianismo no país. Achei isso muito peculiar. Já sabia do catolicismo forte dos poloneses, mas não sabia que era nesse nível.

• Orquídeas na janela.

Como as paredes das casas são muito grossas, para criar um isolamento térmico eficaz, as janelas ganham um espaço extra para as plantinhas! Se você prestar bem atenção, vai ver que quase todas as janelas têm plantinhas, especialmente orquídeas, contrastando com a cor cinza do inverno.

• Jantares longos.

Um digno jantar polonês dura muitas horas. Os poloneses gostam de sentar-se ao redor da mesa farta e passar horas juntos. Você nem sente o tempo passar. O jantar se inicia bem cedo, lá pelas 16h (já que escurece antes das 16h no inverno). E não tem hora para acabar. São muitos pratos e muitos shots de vodca (de preferência aquela feita em casa). Na minha primeira noite no vilarejo, bebi in-

contáveis shots de vodca que achei que no dia seguinte eu não me levantaria da cama, mas a vodca artesanal é tão refinada que eu acordei com zero ressaca. E, claro, bebemos os shots seguidos de um gole de *popita* (um copo de suco ou refrigerante), que ajuda muito na hidratação.

• Nunca vi tamanha hospitalidade como a dos poloneses.

Eles realmente tratam as visitas como reis! Tive a impressão de que eles até se sentem mal se você os visitar sem avisar antes (pois não há tempo de preparar pratos e pratos de comida para servir).

• O nacionalismo.

Para finalizar, um outro fato que marcou bastante a minha visão dos poloneses foi o nacionalismo. Eles têm muito orgulho do país, da cultura e dos produtos locais. Mesmo morando atualmente na Dinamarca com o Bartek, costumamos ir a um mercadinho polonês de tempos em tempos, para comprar mantimentos poloneses “essenciais para a sobrevivência” (como os tomates *malinowe*, chá de melissa, doce de chocolate *ptasie mleczko*, *wódka Żubrówka*, *pączki*, etc). E, mesmo morando fora do país, o Bartek faz questão de votar em todas as eleições, no Consulado da Polônia na Dinamarca.

Letícia MANOSSO

Nascida em Curitiba em 1992, formada em Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia na UFPR, com mestrado em Engenharia de Alimentos na Universidade de Szent István em Budapeste, Hungria. Tem como hobbies a fotografia e a escrita, onde registra impressões de suas viagens para visitar a família na Polônia e sua vida em Copenhaga, na Dinamarca.

 AKADEMIA

O ensino fundamental na Polônia: um exemplo a ser seguido

Na última década a Polônia tem se destacado nas avaliações do PISA – *Programme for International Student Assessment*, coordenado pela OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico que avalia, a cada três anos, o desempenho dos alunos de 15 anos de vários países em matemática, ciências e leitura.

Segundo dados do INEP, a Polônia mantinha-se em 40º lugar nas avaliações; em 2012, entre os 65 países avaliados, os alunos poloneses obtiveram o 9º lugar em leitura, 10º em ciências e 14º em matemática; em 2015, dos 70 países, o 18º lugar em matemática, 22º em ciências e 13º em leitura; em 2018, entre os 79 países, o 8º lugar em matemática, 12º em ciências e 10º em leitura.

Posição da Polônia nas últimas avaliações do PISA

Ano	2012	2015	2018
Matemática	14º	18º	8º
Ciências	10º	22º	12º
Leitura	9º	13º	10º

Fonte: INEP -2014, 2017, 2019

Embora as avaliações nem sempre expressem a realidade, não podem ser desconsideradas, e o desempenho

dos alunos é indicador das políticas educacionais adotadas no país em que se materializam.

Quais as ações realizadas na Polônia para que os alunos obtivessem melhor resultado nas avaliações do PISA? Os estudos teóricos, as visitas realizadas nas escolas de ensino fundamental em Varsóvia e cidades do interior, o diálogo com os profissionais dessas escolas em 2019 possibilitaram conhecer a organização e a prática realizada e identificar as razões para a melhoria do desempenho dos alunos.

A história da Polónia é marcada por lutas para manter a identidade, conquistar a liberdade e a independência política. Como assinalam Schilling e Gusmão (1999), o país sofreu a dominação czarista e a ocupação nazista e stalinista. Os poloneses sentiram os flagelos dos chicotes sem que isso afastasse do horizonte a esperança de se verem algum dia verdadeiramente livres.

Em 1989 restabeleceram a democracia. A partir daí, realizaram reformas que possibilitaram o desenvolvimento social e econômico. A reforma educacional foi realizada em 1999, complementada em 2009 e a última, em 2017. Segundo Santos (2017), visavam melhorar a qualidade do ensino, alteraram o percurso escolar, des-



Nelsi Pabis, em frente à escola de ensino fundamental em Brwinów, região metropolitana de Varsóvia, escola das Irmãs da Sagrada Família (Acervo Pessoal)

centralizaram o financiamento, introduziram exames nacionais, nova carreira docente e a autonomia pedagógica das escolas e dos professores.

Na reforma de 1999, o ensino fundamental – *Szkoła Podstawowa* – passou a ser de 9 anos; a partir de 2017 voltou a ser de 8 anos, dividido em duas etapas: do 1º ao 3º ano e do 4º ao 8º ano. Na primeira etapa, o currículo contempla: língua polonesa, matemática, história, geografia, biologia, ética, artes, ministradas de forma integrada, por um professor e música, religião, informática, educação física, língua inglesa, ministradas por professores específicos. A partir da 4ª série o ensino é ministrado por áreas de conhecimento e por professores com formação específica.

As escolas apresentam boa estrutura física, são de tempo integral, inclusivas, oferecem as refeições. Iniciam as atividades às 7h e 30min e as aulas às 8h e 30min até às 14h e 30min, quando os alunos podem ser dispensados, desde que não apresentem dificuldade e os pais possam vir buscá-los. Além das salas com no máximo 25 alunos, incluindo 5 portadores de necessidades especiais, recebem atenção individual nos círculos de estudos por área e na *światlica*, que consta de atividades organizadas, conduzidas por professores para os que permanecem na escola até às 17h e 30min.

Os professores possuem autonomia para planejar as aulas e definir os materiais didáticos respeitando o

programa oficial. O diretor e o vice possuem incumbência pedagógica. Visitam as salas de aula, acompanham as atividades, observam como os professores motivam e ministram as aulas, se trabalham as competências básicas, o pensamento lógico e a autonomia. Mapeiam dificuldades e desempenho, comparam com o resultado do país, apresentam os dados aos professores para que trabalhem as dificuldades.

Nas escolas são desenvolvidas atividades culturais com ênfase para o teatro, nas datas comemorativas. Observam as tendências das crianças e investem nos talentos. Valorizam a família através da integração família-escola-comunidade. Incentivam a participação em projetos e intercâmbios. Os alunos são avaliados no final do ano letivo, e no final do ensino fundamental prestam exames nacionais em língua polonesa, matemática e língua estrangeira.

As escolas dispõem de biblioteca, atendimento psicológico, fonoaudiológico, pedagógico, de enfermagem, salas especializadas para ensino de línguas estrangeiras, música, biologia, geografia, história, matemática e informática; dispõem de quadras esportivas e piscina cobertas. Possuem patrono, e seu retrato ou busto está em destaque, adornado de flores; quando é da comunidade, a sepultura é enfeitada pelos alunos.

Sobre a melhoria no desempenho nas avaliações do PISA, uma das diretoras respondeu: “Hoje existe liberdade, os alunos têm motivação para estudar, pois sabem que têm possibilidades de competir” (Diretor A). Respostas semelhantes foram dadas pelos outros diretores. Além da motivação para o trabalho, a educação e a instrução são propulsoras do desenvolvimento, da modernização, da construção da justiça social.

Os 11 entrevistados destacaram que as classes com poucos alunos, a maior permanência na escola, o atendimento individual, a qualificação e o compromisso dos professores são determinantes para o melhor aproveitamento. “Temos professores competentes, que amam seu trabalho e têm como missão preparar as novas gerações” (Diretor D). Os professores, contratados para 40 horas semanais, trabalham 18 horas em sala de aula, preparam aulas, corrigem trabalhos, fazem atendimento individual, etc.

Como colocado, a Polônia passou por transformações com vistas à modernização. A educação foi entendida como básica para o desenvolvimento do país. São visíveis os investimentos em recursos humanos, físicos e materiais de qualidade. Cunha (1978, p. 16) aponta que “a educação é reconhecida como uma variável política estratégica capaz de intensificar o crescimento da renda, produzir modernização ou construir uma sociedade mais justa”. As transformações clamam por uma educação que responda aos desafios. A criação dessa instituição educacional é tarefa árdua, mas possível. Parabéns à Polônia e aos poloneses.

Nelsi Antonia PABIS

É doutora em Educação, Profa. do curso de Pedagogia da UNICENTRO-Campus de Irati; Membro do Núcleo de Estudos Eslavos da UNICENTRO-NEES; Presidente do Núcleo da BRASPOL de Irati; Integrante da diretoria da BRASPOL Nacional

Prosódia e divergências prosódicas

Prosódia é a pronúncia correta das palavras quanto à sua acentuação tônica. Na língua polonesa moderna o acento tônico cai em regra na penúltima sílaba, isto é, todas as palavras de duas sílabas ou mais são paroxítonas:

książka livro, **samolot** avião, **konferencja** conferência, **poszukiwanie** busca

Em casos excepcionais o acento poderá cair em outra sílaba. Observe-se que em polonês o acento tônico não é marcado por um sinal gráfico, mas pela pronúncia. Nos exemplos aqui apresentados, a vogal da sílaba tônica está sublinhada.

- Acento na preposição monossilábica ou na sílaba final da preposição dissilábica:

- em certas preposições monossilábicas que se ligam com outras palavras formando como que um único vocábulo:

bez nich sem eles, **dq was** a vocês;

- em certas preposições dissilábicas que se ligam com outras palavras o acento cai na sílaba final da preposição:

beze mnie sem mim, **poza mną** além de mim;

- as preposições são também acentuadas em certas expressões fixas:

wyjsć za mąż casar (a mulher).

- Acento na última sílaba (oxítono):

- em termos monossilábicos precedidos dos prefixos **eks-**, **wice-**:

eksmąż ex-marido, **wicekról** vice-rei;

- em certas siglas:

ONZ [oenzet] – **Organizacja Narodów Zjednoczonych**
ONU – Organização das Nações Unidas, **RP** [erpe] – **Rzeczpospolita Polska** – República da Polônia.

- Acento na terceira sílaba do fim (proparoxítono):

- em certas palavras de origem estrangeira:

fizyka física, **matematyka** matemática, **uniwersytet** universidade;

- em certas formas verbais:

chodziliśmy andávamos, **pracowaliście** vocês trabalhavam, **chodzący** ela andaria, **nauczyliby** eles ensinariam;

- em certos numerais:

czteryście quatrocentos, **siedemset** setecentos, **dziewięćset** novecentos;

- em conjunções ligadas com desinências pessoais móveis do verbo (-**śmy**, -**ście**), bem como morfemas do tipo condicional:

abyśmy para que nós, **żebyście** para que vocês, **jeśliby** se...

- Acento na quarta sílaba do fim (bisesdrúxulo ou sobresdrúxulo):

- primeira e segunda pessoa do plural do modo condicional:

napisalibyśmy escreveríamos, **przynieślibyście** vocês trariam.

Mobilidade do acento tônico

Caso ocorra o aumento de sílabas numa palavra causado por uma flexão gramatical, o acento tônico passa a ocupar a penúltima sílaba e, nesse caso, a palavra proparoxítona se torna paroxítona:

kolor cor, **kolory** cores, **kolorami** com as cores
uniwersytet universidade, **uniwersytety** universidades, na **uniwersytetach** nas universidades
Paragwaj Paraguai, **w Paragwaju** no Paraguai.

Contagem das sílabas

Em polonês e em português (da mesma forma que nas demais línguas), o número das sílabas será equivalente ao número das vogais (e vice-versa). Contudo, a esse respeito convém lembrar que em polonês o **i** às vezes não é uma vogal, mas funciona como marca de abrandamento (equivalente ao acento agudo) – **ni = ři**:

koń, **ko.ńie** cavalo, cavalos

Pode também exercer ao mesmo tempo a função de vogal e sinal de abrandamento:

pi.sać escrever

É por isso que, por exemplo, uma palavra como **akademia** (academia) será paroxítona, tanto polonês como em português, ainda que a sílaba tônica em polonês seja o **de**: (em **mi**, o **i** é sinal de abrandamento do **m**):

a.ka.de.mia a.ca.de.mi.a

Em muitas palavras polonesas iguais ou parecidas com as portuguesas, geralmente aquelas de origem estrangeira, bem como em certos nomes geográficos, a sílaba tônica não vai coincidir. Veja:

Polonês	Português
akademia	academia
alkohol	álcool
anatomia	anatomia
archeologia	arqueologia
astronomia	astronomia
biurokracja	burocracia
dplomacja	diplomacia
ekologia	ecologia
ekonomia	economia
epidemia	epidemia
filozofia	filosofia
geografia	geografia
liturgia	liturgia
nostalgia	nostalgia
ortografia	ortografia
psychologia	psicologia
teologia	teologia
teoria	teoria
Afganistan	Afganistão
Kanada	Canadá
Iran	Irã
Paragwaj	Paraguai
Urugwaj	Uruguai

Mariano KAWKA

Professor, tradutor, lexicógrafo. Licenciado em Letras Português-Inglês pela PUC-PR e Mestre em Língua Portuguesa pela mesma Universidade. Autor do Dicionário Polonês-Português/Português-Polonês, publicado em 2015 no Brasil (Porto Alegre) e na Polônia (Varsóvia).

Transmigração dos poloneses III: algumas notícias

Embarcados em 10/06/1869 no porto de Hamburgo/Alemanha, imigrantes poloneses e suas famílias viajaram a bordo do navio a vapor Vitória, rumo ao Sul do Brasil. Após dois meses navegando pelo Oceano Atlântico, aportaram no Rio de Janeiro, de onde seguiram ao porto de Itajaí, no litoral de Santa Catarina. Continuando viagem, seguiram pelas águas do Rio Itajaí-Mirim, desta vez em canoas, até as Colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro (futura cidade de Brusque/SC), chegando em meados de agosto de 1869.

Uma lista com os nomes desse primeiro grupo dá conta de cerca de 80 pessoas, cuja maioria transmigrou em setembro de 1871 para o rocio de Curitiba/PR.

Em 22 de abril de 1897 o jornal polonês "Nowiny Raciborskie" publicou a lista dos poloneses com o título "Polacy Górnolśląscy w Brazylii". É certo que já haviam se passado 28 anos desde a chegada e muita coisa aconteceu nesse tempo de quase três décadas, entre a saída deles (1869) e a publicação no periódico (1897), quando as histórias já eram outras e, a essas alturas do tempo, os imigrantes estavam adaptados em suas novas colônias, cultivando suas terras, vivendo a contínua esperança de melhores dias.

Algumas dessas famílias também ganharam outros "roteiros", como os aqui relatados:

1. **Domin Stempka.** Ele veio com a esposa Karolina Synowska e a filha Sophia, de apenas 5 anos de idade. Apesar de não existirem referências ao seu nome, tanto em documentos das Colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro como em Livros de Atas da Câmara Municipal, em Curitiba, muitas das quais, ao longo de 1873 acusavam a solicitação por parte de diversos poloneses de "terras no rocio de Curitiba", Ana Laura Freire Wedderhoff acabou descobrindo, nos arquivos da Paróquia do Abranches, da mesma cidade, que Sophia (futura tataravó de Ana Laura) continuou a escrever a história da família. Em 02/09/1874 ela casou-se com Bertoldo Adam, e o registro de casamento dá conta que

a "noiva residia em Santa Candida, n'esta Capellania". Como testemunha do casamento, Philippe Kokot, companheiro de viagem de Domin ao Brasil em 1869.

2. **Szymon Otto.** Seu nome é mencionado como sócio-fundador da Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kościuszko em Curitiba, 1890: "entidade que tornou como prioridade a promoção da assistência cultural, educacional e social aos imigrantes presentes no estado" (p. 36 da publicação 125 anos da Sociedade Polono-Brasileira. Curitiba, 2015. Insight Editora). Szymon Otto foi um "dos 22 convidados poloneses com o objetivo de juntos pensar e fundar uma sociedade dos poloneses de Curitiba" (p.101). Segundo consta, eram os 22 poloneses de Curitiba mais destacados para que pensassem nisso (Ata da fundação da sociedade, 15/06/1890): "somente 11 compareceram", entre eles, Szymon Otto (ou Simon Otto, conforme grafia diferente, encontrada em outros documentos).

3. **Simon Purkott.** Um convite de casamento de sua filha, o qual pertence ao acervo da professora Maria Vanelli, secretária do núcleo

BRASPOL do Pilarzinho em Curitiba/PR - ela própria descendente de poloneses pelo lado materno dos Pollak, Gbur e Purkott - sobrenomes de imigrantes, segundo informações de Volnei Lopes da Silva, pesquisador da presença dos poloneses em Abranches, a quem agradeço o repasse também da imagem.

A tradução do convite é do casal Bruno Kullock Barroso e Karolina Wojciechowska Kullock Barroso, de Pelotas/RS, colaborador do Jornal Gazeta do Abranches:

"Temos a honra de convidar ao senhor e a Família para o casamento de nossa filha Elzbieta com o Sr. Jósef Polak, que ocorrerá no dia 5 de julho às 9h da manhã na igreja de Sta. Anna no centro de Abranches. As festas de casamento acontecerão em nossa casa na colônia Pilarzinho. Sofia e Szymon Purkott - Pilarzinho, em junho de 1920."

4. Tais reimigrantes, junto com os demais, haviam enfrentado muitos problemas: "Esses colonos, iludidos pelo seu compatriota (aqui, refere-se a Sebastião Saporski, responsável em trazê-los) contavam encontrar alli (o relato refere-se a Paranaguá, aonde muitos aportaram quando chegaram de Santa



Convite de casamento de Elzbieta, filha do casal Sofia e Szymon Purkot. (Acervo Jane Maria Vanelli. Reprodução: Volnei Lopes da Silva)

HISTÓRIA

Catarina) recebimento por parte do Governo, e bem assim transporte até aqui.

Não encontrando nada disso e exaustos de meios, trataram de procurar a caridade publica; do que sendo sabedor dei providencias para que fossem recolhidos e transportados até a capital por conta da província.

Chegados aqui queriam continuar a sustentar-se á custa da província; mas disso dissuadiram-se logo que lhes fiz saber que havia bastante trabalho nas obras publicas, onde ganhariam salário sufficiente para socorrer ás suas necessidades, e que tratassem de se estabelecer nos terrenos da camara municipal.

Foram quase todos estabelecidos nos terrenos do rocio, medidos por ordem da presidência no lugar denominado – Pilarzinho; encarregando-se disso o empregado da extinta repartição das terras, addido á secretaria de Governo, Candido Rodrigues Soares de Meirelles.

Trabalhadores e morigerados como são esses colonos, é de se esperar que a província tire resultados dos sacrificios que com elles fez.” (grafia original) In: Jornal Dezenove de Dezembro. 13/04/1872 – portanto relato que diz respeito aos fatos de 1871, ano da Transmigração dos Poloneses de Brusque para Curitiba.

Da Parte Oficial do Governo Provincial do Paraná, cujo Presidente era o Dr. Venancio José de Oliveira Lisboa. Relatório apresentado à Assembléia Legislativa do Paraná na abertura da 1ª. sessão da 10ª. legislatura e publicado na data acima citada no referido jornal.

A homenagem aos trabalhadores e morigerados colonos que com sacrifício escreveram a página da Transmigração Polonesa em setembro de 1871.

Maria do Carmo Ramos KRIEGER

Pesquisa e escreve sobre o elemento polonês, reconstituindo aspectos de sua chegada a Brusque/SC e de sua transmigração a Curitiba/PR.

INTERNACIONAL

STO LAT!



Logo do centenário das relações internacionais entre Brasil e Polônia

Fonte: <https://polskabrazylia.wordpress.com/>

Neste ano completamos cem anos do início das relações diplomáticas entre Brasil e a Polônia. Esta é uma boa oportunidade para recordarmos alguns eventos importantes relacionados à amizade entre os dois países.

- Centenas de milhares de poloneses que vieram para o Brasil no final do século XIX em busca de um futuro mais promissor, desde então formaram a segunda maior comunidade de descendentes de poloneses no mundo e são reconhecidos como os que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da agricultura e economia do Sul do país.

- Ruy Barbosa, advogado, escritor e eminente político brasileiro, representando o Brasil na Conferência da Paz de Haia de 1907, apoiou com empenho a ideia da independência da Polônia. Por isso, Ruy Barbosa é muito respeitado pelos poloneses e em sua homenagem uma das renomadas escolas de ensino médio de Varsóvia leva o seu nome.

- O Brasil participou da conferência de Paz de Paris e assinou o Tratado de Versalhes de 1919. Como primeiro estado latino-americano, reconheceu a Polônia independente - essa decisão foi confirmada pela nota do ministro das Relações Exteriores do Brasil, Nilo Peçanha de 17 de agosto

de 1918, ao poeta Paul Claudel, representante da França no Rio de Janeiro. O ministro escreveu no documento: "O Governo Federal através deste documento reconhece a nação polonesa. Também reconhece, junto com outros países aliados, seu órgão legítimo - o Comitê Nacional em Paris. Ele concede ao Comitê Central no Brasil, eleito pelos poloneses em eleições livres, uma procuração para agir em nome da nação polonesa e emitir certificados de nacionalidade".

- Na primavera de 1919, as autoridades brasileiras reconheceram o "governo Paderewski e Piłsudski" como o governo oficial de um estado polonês independente. O primeiro escritório polonês de representação no Brasil foi aberto em 19 de março de 1920 - um consulado em Curitiba com jurisdição nos estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso. Kazimierz Głuchowski foi nomeado cônsul pelo decreto do Chefe de Estado da Polônia de 23 de setembro de 1919.

- O primeiro representante diplomático da Polônia foi o enviado extraordinário e ministro plenipotenciário Ksawery Orłowski, que em 27 de maio de 1920 apresentou credenciais ao Presidente do Brasil, Epitácio da Silva Pessoa. A cerimônia foi realizada no Palácio Presidencial do Catete, no Rio de Janeiro, e é considerada a data do estabelecimento das relações diplomáticas entre a Polônia e o Brasil.

- Em 1921 o primeiro representante diplomático do Brasil, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário dos Estados Unidos do Brasil, Rinaldo de Lima e Silva, entregou em Varsóvia as cartas credenciais ao chefe do estado da Polónia Józef Piłsudski.

Atualmente o respeito e a amizade mútua entre Brasil e Polónia continuam vivos. Os encontros entre autoridades dos dois países têm sido mais constantes e parcerias são feitas em áreas como economia, cultura, educação e esportes. Outro testemunho dessa fraterna aliança foram as inúmeras trocas de cordialidade entre os presidentes, parlamentos e governos dos dois países durante as comemorações do evento. *Sto lat!*

Everly GILLER

Catarinense de Caçador. Em 1983 formou-se em Pintura e Licenciatura em Desenho na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP). Mais tarde com o apoio do Consulado Geral da República da Polónia em Curitiba, cursou por 2 anos o ateliê de Gravura em Metal da Academia de Belas Artes em Cracóvia. Formada em Letras Polonês na Universidade Federal do Paraná. Mora em Varsóvia desde 2018.

Observatório polonês da UNESPAR recebe biblioteca com 14 mil livros

Doação é proveniente da *Casa Sanguszko de Cultura Polonesa* e da *Capelania Polonesa de Nossa Senhora de Częstochowa*, ambas de São Paulo

No final de 2019 iniciaram-se oficialmente as atividades do “*Observatório Polonês da Unespar*”, um Programa de Extensão Universitária que integra professores, pesquisadores e estudantes do Campus União da Vitória à comunidade de poloneses, descendentes e simpatizantes da identidade polônica da região. Trata-se de um esforço coletivo no sentido de resgatar, sistematizar e agrupar ações e atividades que vêm sendo desenvolvidas na antiga FAFI, hoje Unespar, especialmente nos cursos de Geografia, História, Pedagogia, Letras e Matemática, notadamente com pesquisas nas áreas de identidade linguística, instituições escolares, cultura e etnicidade, cemitérios poloneses, patrimônio cultural, etnomatemática e identidade de gênero. O Programa de Extensão tem como parceiro o “*Clube Literário Władysław Reymont (CLWR)*”, que desenvolve ações e atividades de forma a enaltecer a identidade trazida pelos imigrantes no século XIX

articulando-a com a Polônia contemporânea por meio da atuação de suas quatro seções temáticas: Estudos literários, da identidade, Cultura e língua polono-brasileira; Arte e cultura polonesa; Turismo polônico; Expressões culturais.

O objetivo comum é potencializar uma agenda étnico-cultural pautada em encontros de socialização, pesquisas científicas, relatos de memória, eventos, documentários, cantos, danças, cursos temáticos, visitas às comunidades, grupos de estudo, concursos, integrações étnicas, manifestações artísticas, recepções aos visitantes, estudo do idioma, culinária, artesanato e folclore. Participam professores, pesquisadores, estudantes, músicos, terapeutas, administradores, dançarinos, assistentes sociais, engenheiros, gastrônomos, arquitetos, trabalhadores, artesãos, agricultores, donas de casa, aposentados, artistas, advogados, empresários, cada qual com seu olhar, vivência, memória e contribuição. A participação é aberta aos interessados, descendentes ou não de poloneses.

Considerando o potencial integrador e diverso do Programa, a Casa Sanguszko de Cultura Polonesa

e a Capelania Polonesa de Nossa Senhora de Częstochowa, ambas de São Paulo, doaram ao Campus União da Vitória da Unespar um acervo de aproximadamente 14 mil livros, todos em idioma polonês. A Casa Sanguszko de Cultura Polonesa foi fundada pelo príncipe Roman Sanguszko em 1973. Trata-se de uma entidade privada, sem fins lucrativos, que desde 2006 tem a missão de disseminar a cultura polonesa no Brasil, assim como fomentar o intercâmbio cultural com foco na cultura polonesa. Suas atividades incluem o apoio a exposições de arte, apresentações musicais, exibições de filmes, apresentações teatrais, leituras e conferências, promoção de concursos artísticos e culturais, e outros eventos do gênero. É presidida atualmente pelo Príncipe Paul François Roman Prince Sanguszko, que gentilmente autorizou a doação do acervo. O Diretor da Casa Sanguszko, Ricardo Neuding, esclarece que “a Biblioteca da Casa Sanguszko de Cultura Polonesa foi sendo formada ao longo de décadas por meio de doações de poloneses radicados no Brasil. A doação realizada neste momento tem como finalidade oferecer livre acesso a



COTIDIANO

ela, para pessoas interessadas no idioma, na literatura e na cultura polonesa, de forma ampla, com a certeza de que a Unespar é a instituição brasileira que melhor pode cumprir este papel, além de manter a integridade Biblioteca ao longo dos anos”.

Da mesma forma, por vários anos, a Capelania Polonesa recebeu doações de livros no idioma polonês, e o acervo agora também foi doado à Unespar. A Capelania situa-se na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora no Bairro Bom Retiro, em São Paulo. A capela, dedicada a Nossa Senhora de Częstochowa – Padroeira e Rainha da Polônia, situa-se na lateral direita da igreja, erigida no lugar do antigo santuário em 1914. O paraninfo de honra durante a sacração da Capela foi o próprio príncipe Roman Sanguszko. A Sr^a. Gertruda Bak Ciesielski e o Sr. Grzegorz Mielec, representantes da Capelania Polonesa, destacam que “o objetivo da doação foi preservar o acervo e torná-lo acessível à comunidade. Trata-se de uma preciosidade que ficou guardada por muito tempo, mas que agora precisa ser catalogada, conhecida, explorada e valorizada”.

Os livros chegaram à Unespar no mês de janeiro deste ano e passarão por um processo de restauração, higienização e catalogação antes de serem disponibilizados à consulta pública. “Levaremos anos para dar conta de compreender a riqueza do material que recebemos. São obras raríssimas e das mais diversas temáticas. Desconheço acervo parecido na região”, ressalta a Prof^a. Dr^a. Alcimara Aparecida Föetsch, coordenadora do Programa de Extensão “Observatório Polonês da Unespar”. O Diretor do Campus, Valderlei Garcias Sanches, destaca ainda que “a Biblioteca Polonesa Casa Sanguszko fará do Campus de União da Vitória um lugar de

referência e visitação obrigatória para pesquisadores, professores e demais interessados. Estamos buscando a melhor forma de catalogar o acervo e adequar o espaço para receber a todos”.

O Presidente do Clube Literário Władysław Reymont (CLWR), Alexandre Gelchaki Neto, reforça que a vinda do acervo de livros associada à proposição do Programa de Extensão é de grande importância para a região. Segundo ele, “reconhecer o valor das comunidades polonesas, sua cultura e tradição, significa enaltecer a memória e a contribuição dos antepassados imigrantes, ao mesmo tempo em que permite proporcionar espaços e momentos de encontro, lembrança e socialização aos descendentes e simpatizantes”.

Ludmila Pawlowski, membro do Conselho Exterior do Ministério da Educação da Polônia, professora do idioma polonês na região e Vice-Presidente do CLWR, finaliza dizendo que “a Unespar, situada no coração da imigração polonesa, entre Paraná e Santa Catarina, vai inspirar por meio da biblioteca a disseminação de conhecimentos e informações sobre a cultura e a ciência da Polônia, além de disponibilizar materiais bibliográficos para pesquisas e incentivar a leitura na língua polonesa”.

Nos próximos meses os livros passarão por um processo de seleção temática, higienização e catalogação para serem disponibilizados à consulta e acesso da comunidade.

Colaborou:

Grzegorz Andrzej MIELEC

HISTÓRIA

O cerco sueco a Częstochowa

O cerco sueco a Częstochowa (na verdade, ao Mosteiro e Santuário de Jasna Góra) é uma das passagens emblemáticas da História da Polônia.

Chamou-me especial atenção este assunto com a leitura do vol. 2 da Parte II, esta denominada “O Dilúvio”, da célebre e extraordinária trilogia do **Henryk** Adam Aleksander Pius Oszyk-**Sienkiewicz**. É oportuno dizer que a obra é um romance histórico – e por isso é um misto de realidade e fantasia.

O escritor (nascido em Wola Okrzejska, Polônia, no dia 5 de maio de 1846, vindo a óbito no dia 15 de novembro de 1916, em Vevey, Suíça) narra o episódio histórico em 174 páginas, cheias de detalhes das batalhas travadas entre as partes e a destemida resistência dos 70 monges, uns poucos nobres e camponeses e pouco mais de uma centena e meia de soldados; havia também mulheres e crianças em Jasna Góra, que virou uma verdadeira “fortaleza”.

O escritor apresenta em sua narrativa um variado quadro dos acontecimentos daquele cerco de 38 dias, em pleno inverno de 1655. Mas também faz algumas belas reflexões, através de um e de outro personagem, ou do próprio narrador, com relação ao cerco e à invasão

sueca – tão devastadora e rápida que foi denominada de “Dilúvio” –, e também com relação à confiança na proteção de Nossa Senhora.

A Polônia possuía grande força econômica até o início do séc. XVII. Mas foi obrigada a enfrentar inúmeras guerras, no decorrer do referido século; segundo uma fonte de pesquisa, a Polónia perdeu um quarto da população; segundo outra, um terço. Mas a destruição foi enorme. Sofreu derrotas sucessivas, como na guerra contra a Rússia, em 1612, contra os turcos, em 1620, e uma série de derrotas nas investidas dos cossacos da Ucrânia, comandados por Khmelnytsky (é personagem da Parte 1 da trilogia de Sienkiewicz). O país ficou enfraquecido e com o tesouro esvaziado. Na sequência, vieram invasões simultâneas da parte dos russos, dos cossacos, da Prússia e da Transilvânia e dos suecos.

Além disso, havia problemas internos no país. O rei eleito Jan II Kazimierz (linhagem da Dinastia Vasa, da Suécia) era casado com a arquiduquesa Constança, da Áustria, e nutria simpatia por este país em detrimento da cultura polonesa, segundo a percepção de parte da *szlachta* polonesa, o que ocasionou a perda de aliados entre eles; ao mesmo tempo, era considerado um rei fraco como governante.



Santuário de Jasna Góra, vendo-se em primeiro plano o monumento ao Pe. Kordecki.

Fonte: <https://wyborcza.pl/alehistoria/7,121681,22208671,9-sierpnia-w-historii-paulini-dostali-wzgorze-pod-klasztor.html?disableRedirects=true>

O ex-Chanceler Radziejowski, que vivia na Suécia, e o Tesoureiro Geral Leszczyński encorajaram o rei sueco Carol Gustav a reivindicar a coroa polonesa. Muitos representantes da *szlachta* polonesa aderiram à ideia.

Sienkiewicz trata essa postura como “traição”...

A invasão sueca teve início em 1655, pela Grã-Polônia, que foi facilmente dominada – e a conquista se deu menos pelas armas e mais por acordos com o invasor, levados a efeito pelo próprio comandante das forças militares de Poznań, Krzysztof Opaliński. Isso ocorreu também em outras regiões, como na Lituânia, com os primos Janusz Radziwiłł e Bogusław Radziwiłł. Eles intencionavam desfazer a União entre Polônia e Lituânia; apoiaram o rei sueco em troca da promessa de dois Ducados e proteção.

Então, parte dos magnatas poloneses, bem como da *szlachta*, aderiu ao rei sueco, dando as costas ao rei polonês, muitas vezes apenas em vista de vantagens pessoais. Sienkiewicz reflete o fato: “Os próprios suecos se espantaram com a facilidade com que conquistaram aquela poderosa República e não conseguiam disfarçar o seu desprezo pelos vencidos que, diante da visão da primeira espada sueca, renunciaram ao seu rei e à sua pátria, apenas para preservar as suas vidas e as suas propriedades, ou então querendo aumentá-las ainda mais” (p.364).

O *Dilúvio* sueco provocou uma devastação geral na República das Duas Nações (e particularmente na Polônia), seja quanto ao número de pessoas mortas, seja na economia – com a destruição de campos, de aldeias e cidades. Os invasores saquearam e destruíram quanto podiam. A Polônia ficou arrasada.

Não obstante ser expressão do expansionismo sueco e de interesses de alguns magnatas poloneses, a inva-

são sueca foi marcada também pela questão religiosa. Eram protestantes (calvinistas) que invadiam um país católico.

Por isso, após a dominação de Varsóvia, e logo também de Cracóvia, o rei sueco ordenou a conquista de Częstochowa, para onde enviou um exército de três a quatro mil soldados, sob o comando de Miller (também presente na história de Sienkiewicz). Além da conquista de um lugar que era o centro da religiosidade polonesa, e conquistá-la seria decisivo para a invasão, o objetivo era apossar-se da riqueza existente, escondida em Jasna Góra.

O início do cerco ocorreu no dia 18 de novembro de 1655 e se estendeu por 38 dias, como acima referido, incluindo o dia de Natal; mesmo com o cerco sueco, o Natal foi celebrado com o tradicional *opłatek*. O objetivo dos comandantes suecos – que tinha inclusive o apoio de centenas de poloneses que a eles se juntaram – era o de vencer pelo cansaço e obter a rendição do mosteiro. Mas a “fortaleza” não se rendia.

O prior do Santuário de Jasna Góra era o Pe. Klemens Augustyn Kordecki (da Ordem de São Paulo) – há monumento em sua homenagem, junto ao Santuário. A fé extraordinária dele e de seus monges contaminava todos os defensores, a ponto de expressarem: “Estamos prontos a sacrificar as nossas vidas” (p. 208).

Assim, depositavam a vida deles e a defesa do Santuário nas mãos da Mãe de Deus, como revelam tantas passagens da narrativa de Sienkiewicz. Por exemplo: “Imploremos por Sua Intercessão, coloquemo-nos sob a Sua proteção e vamos dormir em paz, pois onde podemos nos sentir mais seguros do que sob a Suas asas protetoras?” (p. 193). “(...) Qual de vocês terá a ousadia de afirmar que esta Rainha celeste não é capaz de nos proteger e enviar-nos uma vi-

HISTÓRIA

tória?" (p. 260). "Sob Vossa proteção nos colocamos, santa Mãe de Deus..." (p. 289).

Padre Kordecki animava continuamente a todos, exortando-os para que depositassem sua confiança em Nossa Senhora. Durante o cerco, havia missas diárias, reza do terço e procissões com o Santíssimo Sacramento, que percorria todos os cantos de defesa. Monges cantavam hinos sacros, principalmente no silêncio da noite, para encorajar os defensores.

Há uma passagem, no livro, extremamente expressiva: "Certa madrugada, os soldados (suecos) lotados na trincheira leste entraram em pânico; haviam visto uma mulher pairando sobre o convento e protegendo-o com o seu manto azul-celeste. (...) (p. 286). (Tal caso está registrado no *Annalium Poloniae Climacater Secundus*, de *Wespejjan Kochowski*, publicado em Cracóvia, em 1688.)

Há uma grande simbologia nas palavras do Pe. Kordecki: "Deus quer preservar este lugar para que, como a arca de Noé, possa flutuar sobre este dilúvio de desgraças e sofrimentos (...) (p. 341).

Sienkiewicz narra: "Logo no início do cerco, quando os monges se recusaram a entregar o convento, Miller se perguntava como era possível que apenas um lugar, em toda a República, não se rendesse ao poderio sueco.

Qual a força que os mantinha? Por que resistiam? O que esperavam obter com a sua obstinação? Mas, com o passar do tempo, as perguntas foram sendo respondidas. A resistência do convento espalhava-se pelo país como um incêndio" (p. 283-284).

E assim foi realmente. Os suecos não conseguiram vencer, o cerco ao Santuário de Jasna Góra foi levantado e o mosteiro ficou livre da agressão dos heréticos. O fato foi considerado um milagre de Nossa Senhora. A vitória foi inscrita menos como valentia dos soldados, ou graças à solidez da "fortificação", mas em virtude da tutela da Mãe de Deus.

Este fato se revestiu de enorme importância religiosa e política, como um símbolo da resistência. Depois dessa vitória, o país se uniu na luta contra os invasores suecos e seus aliados poloneses. A Polônia se reorganizou: o rei Jan Kazimierz, que estava refugiado na Silésia alemã, retornou ao país; os exércitos particulares dos magnatas, a *szlachta* e os camponeses se uniram para lutar "em defesa da pátria e da fé" (p. 474). Houve inúmeras e duras batalhas; a Polônia só ficou livre dos exércitos suecos em 1660 (ANDERSON: 1995, p. 291.)

Em abril de 1656, o rei Kazimierz proclamou Nossa Senhora de Częstochowa "Rainha e Padroeira da Polónia".

Referências:

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

WYDAWNICTWO ZAKONU PAULI-NÓW. **Jasna Góra**. Terni/Itália: Plurigraf, 1991..

GADOMSKI, Stanisław. **Strój łowicki**. Tychy: muzeum miejskie, 1970. At: <<http://muzeum.tychy.pl/wirtualne/stanislaw-gadomski/stroj-lowicki-4/>>

OLIVERIA, Ivan Rafael de. **O cerco a Częstochowa**. Wikipédia: Catolicismo/Episódios Históricos

STOWARZYSZENIE WSPÓLNOTA POLSKA. **E isso é a Polónia**. Varsóvia, 2016.

SIEWIERSKI, Henryk. **História da Literatura Polonesa**. Brasília: UnB, 2000.

SIENKIEWICZ, Henryk. **O Dilúvio. Parte II, vol.2**, Rio de Janeiro: Record, 2005.

WIKIPÉDIA.org/wiki/O_Dilúvio_(história_polonesa).

Iraci José MARIN

Professor aposentado, advogado. Publicou obras de pesquisa sobre a etnia polonesa — coautor do livro "Histórias de Caxias do Sul" (2010); autor de "Imigrantes poloneses afundados num mar italiano" (2014) e "A Polónia e os poloneses" (2019). É autor de livros de ficção e de uma genealogia. Reside em Caxias do Sul, RS.

ESPAÇO DO CONSULADO

CORRESPONDÊNCIA



Tu i Teraz

Recebemos a divulgação do informativo Tu i Teraz, Julho/2020, que tem o apoio da *Chancelaria do Primeiro-Ministro* no âmbito do edital público relativo à ajuda à Diáspora Polonesa e aos poloneses no exterior. A inscrição para receber gratuitamente a publicação, pode ser requisitada através do endereço de e-mail:

informativo.tuiteraz@gmail.com

Boletim Filatélico

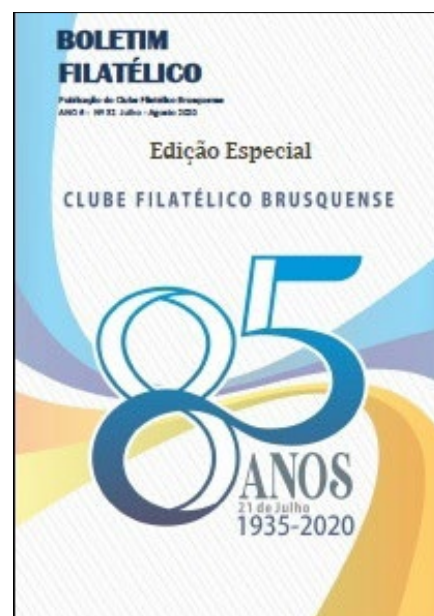
Recebemos o excelente BOLETIM FILATÉLICO nº 32, uma edição especial alusiva aos 85 anos do CFB, Clube Filatélico Brusquense, através de seu Presidente Jorge Paulo Krieger Filho, ao qual parabenizamos e agradecemos pelo envio.

Contato:

Caixa Postal 212
88.353-970 Brusque - Santa Catarina

email: jorgekrieger@uol.com.br

celular/whatsapp: (47) 9.9969-1516



Chleba naszego powszedniego - Nosso pão diário



Tradicional pão polonês

O lugar do pão na mesa dos poloneses é um lugar sagrado. Durante todos esses anos no Brasil acabei me acostumando com o famoso pão francês e o pão de forma, embora adquirindo o hábito de comer esses dois tipos de pães, não consigo deixar de pensar quanto eu gosto de chegar à Polônia e admirar as prateleiras dos mercados, dos mercadinhos, das padarias repletas de pães com vários formatos, cores e tipos como: pães com grãos, pães de papoula ou sementes. Isso para mim é simplesmente o paraíso.

Eu cresci ouvindo que não era para deixar cair no chão nem uma migalha de pão. Quando uma fatia de pão caísse no chão, minha avó pedia para catá-la e até dar um beijo para pedir perdão por tê-la deixado cair. Existem alguns poemas que falam sobre isso:

*Do kraju tego,
Gdzie kruszynę chleba
Podnoszą z ziemi przez uszanowanie
dla darów nieba...
Tęskno mi panie
(Cyprian Norwid "Moja piosenka")*

Daquele país,
Onde uma migalha de pão
É erguida do chão com amor
E com preito no coração...
Sinto saudade, Senhor

(Cyprian Norwid, "Minha canção")
Tradução: Mariano Kawka

Pode ser que esse costume venha da época da guerra, onde a fome e o desperdício de comida poderiam ser fatais. Não havia pão na mesa para as pessoas pobres todos os dias, somente em datas festivas e especiais. Temos como uma antiga tradição

receber uma visita ilustre em nossa casa com pão e sal. Nas festas de casamento os noivos são recebidos pelos seus pais com pão e sal, seguindo essa mesma tradição.

Por causas políticas a Polônia não acompanhou as mudanças tecnológicas na época do pós-guerra. Dessa forma preservou as receitas antigas e com isso continuamos produzindo um pão com sabor quase único da Europa. Claro que nos últimos anos isso mudou, mas até hoje existem muitas padarias usando esses métodos. Lembro-me muito bem de que as pessoas que moravam na fronteira da Alemanha com a minha cidade - Zielona Góra - quando vinham visitar a Polônia, não deixavam de visitar as nossas padarias, de comprar e levar para casa os pães feitos por nós, poloneses. É impossível resistir ao sabor dos pães feitos na Polônia.

Existem dois métodos de fazer o pão polonês: um é com o fermento biológico, e o mais antigo é com o "zakwas", que é um processo natural de azedar o "zaczyn", o qual é feito com a farinha. É necessário ele repousar com água, onde ficará por alguns dias até azedar. Para esse processo é bom utilizar a farinha de centeio.

Ultimamente está muito na moda assar o pão em casa. Vamos fazer um? A Receita de Pão Caseiro Integral é fácil de fazer e deliciosa. Basta você misturar todos os ingredientes e sovar bem a massa do seu pão caseiro integral. Depois de deixar a massa crescer, é só levar ao forno e



Papa João Paulo II, no rito da comunhão.

esperar alguns minutos. O resultado é um pão caseiro integral fofinho, repleto de fibras e muito saboroso, que vai agradar a toda a família!

Ingredientes:

- 400 ml de água morna
- 100 ml de óleo
- 1 colher de sobremesa de sal
- 2 colheres de sopa de açúcar mascavo
- 1 xícara de chá de aveia
- 1/2 xícara de chá de gérmen de trigo
- 1 xícara de café de semente de linhaça
- 25 g de fermento biológico fresco
- 2 copos (de requeijão) de farinha de trigo integral
- farinha de trigo até dar o ponto

Modo de preparo:

Em uma tigela, misture o fermento com o açúcar.

Acrescente o óleo, a água morna e o sal e misture bem.

Adicione a aveia, o gérmen de trigo, a semente de linhaça e a farinha de trigo integral e misture.

Acrescente a farinha de trigo aos poucos, até a massa desgrudar das mãos.

Sove bem a massa e coloque de volta na tigela.

Tampe com um pano limpo e seco e deixe crescer até dobrar de volume.

Modele os pães e coloque em formas de bolo inglês ou formas comuns forradas com papel manteiga.

Deixe os pães crescerem novamente, até dobrarem de volume.

Leve para assar em forno pré-aquecido a 200°C por 25 a 30 minutos.

Smacznego!

Grzegorz Andrzej MIELEC

Há 15 anos no Brasil, bem conectado com a Polônia, trabalha na Casa Sanguszeko de Cultura Polonesa em São Paulo preparando almoços na Capelania Polonesa, repassando os sabores da culinária guardados na memória da época de infância e adolescência.

Um Refúgio Inesperado

No domingo 19 de abril o Canal 10 TV de Mar del Plata exibiu às 20h o filme *Um Refúgio Inesperado*, uma coprodução Grã-Bretanha/EUA de 2017, com a duração de 125 minutos. Título original *The Zookeeper's Wife*. Direção da neozelandesa Niki Caro. Roteiro: Angela Workman. Baseado em fatos reais sobre as notas de Antonina Zabinski e do livro de Diane Ackerman de 2007.

A Segunda Guerra Mundial se inicia com a invasão e a ocupação da Polônia pela Alemanha nazista. No zoológico de Varsóvia seu diretor Jan Zabinski (interpretado pelo belga Johan

Heidenbergh) e sua esposa Antonina (Jessica Chastain, nascida na Califórnia, EUA), recebem a visita oficial da SS na pessoa de Lutz Heck (interpretado pelo ator alemão Daniel Bruhl González, nascido em Barcelona-Catalunha-Espanha), que supervisionará a parte administrativa e veterinária do zoo. O casal consegue iniciar uma criação de porcos para a alimentação do exército invasor. Dessa maneira eles podem entrar no Gueto de Varsóvia para juntar restos de comida e ao mesmo tempo resgatar e levar num caminhão crianças e adultos judeus para escondê-los no porão

da casa principal do zoo. Depois, com documentação falsa, os judeus são enviados para fora de Varsóvia. Dessa maneira o casal, juntamente como ajudante Jerzyk (interpretado pelo irlandês Michael Mc Elhatton), ajuda a organizar a fuga de integrantes da coletividade judia e de membros da resistência polonesa. Jan, comprometido com a causa nacional polonesa, combate no Levante de Varsóvia (1/8 a 2/10/1944), é ferido e aprisionado em um campo de concentração. Em 1945, ao ser libertado pelos soviéticos, regressa ao zoo e se encontra com sua família. Durante mais de duas horas as cenas dramáticas se sucedem e atingem o coração do espectador mostrando a crueldade dos invasores. Diante do avanço e da proximidade do Exército Vermelho os nazistas abandonam Varsóvia e se retiram numa fuga desordenada. Depois de 1945 o zoológico foi reconstruído e voltou a funcionar em 1949.

Excelente ambientação da Segunda Guerra Mundial. As cenas do zoo foram filmadas em Praga (República Checa), de setembro a novembro de 2015.

No dia 7 de outubro de 1965 se realizou a cerimônia do "Justo entre as Nações" para Antonina e Jan, o que foi um reconhecimento do Estado de Israel pelo heroísmo no resgate de tantos judeus na Polônia ocupada na Segunda Guerra Mundial, e foram plantadas árvores no Monte da Memória, Yad Vashem, Jerusalém.

Esse filme foi projetado pelo Cine Polaco Mar del Plata no dia 3 de setembro de 2017 no Museu Bruzzzone, com o título *A casa da esperança*.

Antonina Maria Erdman nasceu no dia 18/7/1908 em São Petersburgo-Rússia e faleceu no dia 19/3/1971 em Varsóvia-Polônia.

Jan Franciszek Dionizy Zabinski nasceu no dia 8/4/1897 em Varsóvia-Polônia e morreu na mesma cidade no dia 26/7/1974.

O Centro Cultural Cine Polaco Mar del Plata informa que suas projeções continuarão suspensas até novo aviso, seguindo as instruções do Governo Argentino em razão da pandemia da Covid-19. Permaneçam em casa.

Eduardo Román SZOKALA

Vive em Mar del Plata e é colunista de *Głos Polski*, Buenos Aires-Argentina.

Mariano KAWKA

Tradução



Cartaz do Filme

Władysław Stanisław Reymont (1867-1925): notas (auto)biográficas

Falar de personalidades traz implicações históricas, intelectuais e políticas. Para amenizar tais embaraços e escapar da narrativa episódica, esclarecemos que as poucas linhas que se seguem são insuficientes para dimensionar a importância literária de Władysław Stanisław Reymont. Todavia, a partir de seus escritos podemos refletir suas ideias e contexto histórico, a influência dos acontecimentos em sua narrativa e, simultaneamente, incentivar a leitura de suas obras.

Em síntese, o que se pode falar de Władysław Stanisław Reymont? Romancista polonês, agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, em 1924, pela obra *Os camponeses* (*Chłopi*), publicada entre 1902 e 1909. A obra destaca a sociedade e a cultura polonesa no final do século XIX. A inspiração, com alguma ressalva, originou-se do clássico *A Terra*, de Émile Zola (1887). Nas obras *Os camponeses* e *A terra prometida* o sentido de passado enseja a projeção imaginativa de um mundo melhor para se viver. A crítica literária enquadra essas obras no movimento literário naturalista e no gênero épico, *locus* para as ações heroicas das personagens e enlances cercados de acontecimentos pretéritos. Nessas obras também estão presentes traços do realismo, do simbolismo e do neorromantismo (Hall, 1981, p. 388). Por outro lado, a recepção crítica sublinha o exagero, o melodrama e a loquacidade do escritor.

A família Rejment (Bancerek) era católica e praticamente não tinha posses. A vida era muito difícil e, segundo Władysław, eles viviam “quase como camponeses”. É importante lembrar que na década de 1860 os intelectuais retomavam as ideias revolucionárias de Karol Marcinkowski (1841) para defender a tese de que a “cegueira dos cidadãos e a ineficiência das instituições” frente às imposições externas deveriam ser suplantadas através da educação. A independência só viria “através da melhoria e do progresso social”. Era uma estratégia de sobrevivência dos valores nacionais que se colocavam para uma possível reconstrução na-

cional. No campo literário, Stefan Żeromski (1864-1925) e Władysław Reymont fortaleceram entre os leitores o sentimento de nacionalidade e a possibilidade de concebê-la a partir da ideia de território da comunidade e da comunidade de povos (Zamoyski, 2009, p.277). Porém, para Władysław os debates revolucionários da década de 1848 contra as estruturas autocráticas e a reivindicação de melhores condições de trabalho e de vida exigiriam, na mesma medida, o enfrentamento direto ao domínio estrangeiro: “Minha família participou ativamente da insurreição de 1863 contra a Rússia; alguns de seus membros foram mortos; um dos meus tios havia sido condenado ao trabalho forçado na Sibéria. Minha mãe colaborou ao servir como mensageira entre vários destacamentos armados” (Reymont, 1969, s.p.). Isso explica a estratégia de mudança do sobrenome para escapar à censura e o ato de dar um sentido moral e jurídico, de origem linguístico-cultural, ao autor e à sua obra (no dialeto local *rejmentować* significa jurar).

Władysław veio ao mundo na aldeia de Kobile Wielkie (12-05-1867), província de Piotrków. Seu pai, Józef Rejment, que era organicista da igreja, o obrigou a estudar música sacra. A ação paterna decorreu em razão da morte de seu tio curador, fatos estes que o aborreceram profundamente: “Ele me colocou atrás de um piano e, assim, iniciou meu estudo da música sacra, tão vigorosa e frequentemente pontuada pela bengala que eu rapidamente aprendi a detestá-la” (Reymont, 1969, s.p.). E se as tarefas paroquiais designadas pelo seu pai não eram acompanhadas de perto, ele se aproveitava desses deslizes da vigilância para dedicar seu tempo à leitura e aos passeios pela floresta: “[...] tentava viver na floresta como um selvagem. Formei formas monstruosas na argila do oleiro, ou as esculpi nas árvores, [...] ler tornou-se uma paixão para mim. Carregava livros escondidos sob minhas roupas e lia onde podia, [...] mergulhei nas Cruzadas e em Walter Scott”

(Reymont, 1969, s.p.). A metáfora rousseauniana do refúgio na natureza indica as preocupações do autor com os temas vitais da época, justiça e liberdade, bem como os seus vínculos com o movimento literário.

É inegável que a literatura possibilitou este aprofundamento do olhar em Władysław. Ao observar atentamente o cotidiano popular registrou o sofrimento, a luta e as angústias coletivas de camponeses e cidadãos. A observação mais atenta da obra *Os camponeses* revela uma constante busca pela reparação aos sofrimentos de um povo. Mas o olhar panorâmico é desfocado. As ideias de direito e comunidade não são suficientemente claras. Os leitores são obrigados a buscar os sentidos de “amor e paixão, violência e reconciliação, ódio, covardia e perdão” em obra antecedente. O conto *Justiça*, publicado em 1899, é, neste sentido, convincente (Kabashima, Liu & Prada García, p. 157). A perspectiva melancólica, amplificada tanto pelo estado de saúde delicado quanto pelo ressentimento familiar pode ser entendida como uma provação necessária para a compreensão de si enquanto ser no mundo: “Não pude tolerar nem a tirania de meu pai nem o extremo conservadorismo e catolicismo de minha família” (Reymont, 1969, s.p.).

Em 1868, a família Rejment estava em Tuszyń, nas proximidades de Łódź. Nesse período, Władysław aprendeu latim com seu tio e com o padre Szymon Kuczyński. Desde os seis anos de idade o menino prodígio já sabia ler e escrever na língua materna. Isto porque, desde cedo, na biblioteca da paróquia, descobriu a paixão pelos livros de história, poesia e literatura: “Aos nove anos, eu tinha um conhecimento profundo da literatura polonesa contemporânea e da literatura estrangeira [...]” (Reymont, 1969, s.p.). Em seguida, a família passou a cultivar a terra no assentamento de Jakubówka. Nesse meio tempo, Władysław se esgueira para Varsóvia a fim de trabalhar com o seu cunhado, Konsztantyn Jakimowicz. Definitivamente, o ramo da alfaiataria não o conquistou.

VULTOS POLONESES

Após se graduar na Escola de Artesanato Dominical (1882), desiludido com a vida que levava, fugiu com um grupo de teatro itinerante (1884), adotando o pseudônimo Urbański. Com eles descobriu que a vida de artista não era nada fácil e que ele não tinha talento para atuar. Desse período, o autor orgulha-se de seu espírito revolucionário: “Eu era socialista, e a punição era inevitável. As autoridades russas me expulsaram de Varsóvia depois de suspeitar que eu tinha participado da greve que havia começado em Łódź pela primeira vez” (Reymont, 1969, s.p.).

Como se pode perceber, a vida de Władysław era cheia de reviravoltas, deslocamentos e desafios. Diz ele: “Consegui encontrar um emprego no serviço técnico da ferrovia. Minha renda era lamentável, minha vida difícil e tediosa, meu entorno primitivo. Eu tinha atingido o fundo do poço.” (Reymont, 1969, s.p.). O trabalho na Ferrovia Varsóvia-Viena (estações de Rogów e Krosnów, 1888-1893) não o impediu de reservar parte de seu parco salário para investir na compra de livros e jornais. Assim, sua vida literária se iniciava com a escrita de notas para jornais, contos e artigos (1893-1894). Com os resultados financeiros desta empreitada, pôde viajar para Londres, Berlim, Itália e Paris. Na França, tornou-se amigo de Stanisław Przybyszewski, Stefan Żeromski, Zenon Przesmycki, Frank-Luis Schoell, entre outros. Dois anos depois, Władysław publicou *A terra prometida*, onde apresentava uma visão panorâmica da cidade industrial de Łódź, de seus magnatas gananciosos e uma análise psicossociológica de grupos sociais e étnicos.



Retrato de Władysław Stanisław Reymont, 1897. Polónia: Projekt Patrimonium. Domínio público.

Depois de um acidente de trem, em 1902, que lhe rendeu uma considerável indenização, Władysław recebeu os cuidados de Aurelia Szablowska. Ela se divorciou para casar-se com ele. Nessa mesma época o literato presidiu o Sindicato dos Escritores e Jornalistas e o Fundo de Assistência de Varsóvia para Homens de Letras e Jornalistas. Como escritor e jornalista, participou da montagem de uma cooperativa de cinema, evidenciando sua preocupação com as inovações trazidas pela modernidade, as quais foram acidentemente criticadas. Note-se que sua atuação como correspondente do periódico *Semanário Ilustrado* (Tygodnik Ilustrowany) chamou a atenção dos críticos literários. A matéria “Peregrinação a Jasna Góra” (Pielgrzymka do Jasnej Góry, 1895) destacava as experiências religiosas por ocasião do centenário da insurreição de Kościuszko (1794): “No início da primavera, em abril, vi peregrinos indo para Częstochowa, a montanha brilhante que tinha a imagem da Madona famosa por seus milagres. Eu quebrei minhas correntes e me juntei a eles” (Reymont, 1969, s.p.).

Entre 1919 e 1920 Władysław se dirigiu aos Estados Unidos para buscar recursos financeiros para a reconstrução da Polónia no pós-guerra: “Em abril de 1919, parti para os Estados Unidos para visitar meus compatriotas naquele país. Voltei em 1920. Em 1922-23, escrevi *Bunt* (Revolta) e comecei a ter problemas no coração. Ainda tenho muitas coisas a dizer e desejo muito torná-las públicas, mas a morte me deixará?” (Reymont, 1969, s.p.). Ele comprou uma propriedade em Kolaczkowo, mas não pôde trabalhar na terra por conta da saúde debilitada. Em 1925, participou de uma manifestação camponesa de sua aldeia natal, Wierzchosławice.

Adoentado, Władysław Stanisław Reymont não pôde comparecer à premiação do Prêmio Nobel de Literatura, em 1924. Ele morreu no ano seguinte, aos cinquenta e nove anos. Seu corpo foi enterrado no cemitério de Powązki, no memorial fúnebre projetado por Konstanty Sylwin Jakimowicz. Seu coração foi depositado na igreja da Santa Cruz, em Varsóvia. Sua obra se caracteriza pelo tom de denúncia histórica e social contra autoridades, principalmente as russas, que subjugavam camponeses e operários, além de defender a nacionalidade polonesa.

As obras de Władysław Stanisław Reymont são praticamente desconhecidas no Brasil. Mas quais seriam os motivos para não reconhecermos seu talento literário? Entre os motivos pode-se arrolar a inexpressiva tradução de suas obras para o português na década de 1960 (*A lei do cnute*, 1963, isto é, *Da terra do Chełm*, 1899), o desinteresse das editoras, traduções a partir do alemão, inglês e francês, ausência de notas explicativas sobre o contexto histórico-cultural e a falta de fidelidade à linguagem do autor (PAJEK, 2017). Isto num momento em que a indústria editorial de livros no Brasil se modernizava e incentivava a compra de livros técnicos e didáticos (HALLEWELL, 2005).

À margem dos interesses editoriais, a recepção das obras de Władysław Reymont teve certa acolhida e difusão entre os imigrantes no Brasil. A difusão no meio escolar perdurou até 1938, quando Getúlio Vargas fechou as escolas estrangeiras no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Curiosamente o conto *Justiça!* teve inspiração em Kazimierz Warchałowski, que se dedicava à propagação da cultura polonesa, seja através da educação,

VULTOS POLONESES

livraria e periodismo. Relatos da vida de colonos poloneses no interior do Brasil chamaram a atenção de Władysław Reymont. Quando Kazimierz retornava à Cracóvia promovia encontros onde “[...] falava do distante e exótico país que para os europeus era o Brasil.” (PAJEK, 2017, p. 71).

Ao percebermos lacunas na difusão de conhecimento histórico e literário idealizamos atividades para o Museu Etnográfico da Imigração Polonesa, em Cruz Machado-PR, durante a Semana Nacional de Museus. No entanto, a pandemia do Covid-19 e o distanciamento social impediram a sua realização. A ideia era homenagear Władysław Stanisław Reymont a partir de sua obra-prima: *Oficina Wycinanka Os Camponeses*, Contação de histórias do Folclore Polonês, da obra-prima *Os Camponeses*, Exposição: “A obra *Os Camponeses* e as Ilustrações de Kędzierski, 1928” e Exibição de trechos de filmes *Os Camponeses*, adaptados da obra de Władysław Stanisław Reymont.

Para dar continuidade a essas atividades, convidamos os leitores a participarem do projeto “Meu Coração Polonês: Literatura” (Moje Polskie Serce: Literatura). Trata-se da organização de atividades colaborativas (on-line) vinculadas ao Clube Literário Władysław Reymont (Facebook), ao Observatório Polonês (UNESPAR) e ao projeto em história pública, denominado “Museus, Monumentos e comunidades: lugares de memória pública”, que tem como finalidade a difusão das letras e da cultura polonesa entre comunidades de imigrantes.

Referências:

PAJEK, Aleksandra. *Ecos da obra literária de Władysław Stanisław Reymont no Brasil*. **Polonicus**: revista de reflexão Brasil-Polônia; Missão Católica Polonesa no Brasil. Curitiba, ano 8, n. 15, jul.-dez, 2017, pp. 61-78.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Edusp, 2005.

ZAMOYSKI, Adam. **Poland a History**. London: Harper Press, 2009.

WLADYSŁAW REYMONT – **Facts**. NobelPrize.org. Nobel Media AB 2020. Wed. 7 Jul 2020. Disponível em <<https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1924/reymont/facts/>>

OLKUSNIK, Ewa. **Rozdyndalem się do głębi**. Nagroda Nobla dla Władysława Reymonta.

FRENZ, Horst. **Das Palestras Nobel, Literatura 1901-1967**. Amsterdã: Elsevier Publishing Company, 1969.

KABASHIMA, Hiroshi, LIU, Shing-I, PRADA GRACÍA, Christoph Luetge de. **The Idea of Justice in Literature**. Wiesbaden: Springer, 2018.

HALL, Sharon K. Władysław Stanisław Reymont. In: **Twentieth-Century Literary Criticism**. Michigan: Gale Research, 1981, p. 388-397.

Michel KOBELINSKI

Professor Associado da Universidade Estadual do Paraná – Unespar, campus de União da Vitória. Pós-doutor em História, membro da Federação Internacional de História Pública, Professor dos cursos de mestrado em Ensino de História – Prohístória e, História Pública, além de ser editor da Revista Ensino & Pesquisa.

Este texto teve a colaboração de Ludmila Pavlowski, a quem agradecemos a valiosa colaboração.

LITERATURA

Verso (Es) Trova

O Anjo aguarda

*Parado ao pé daquela moldura
com duas crianças da minha idade à beira do abismo
e uma figura alada num gesto ambíguo,
eu era pequeno e não distinguia
a poesia da gravura
da realidade da fotografia.*

*Na sala escura da casa de minha avó Appolonia,
orei para o Anjo da Guarda,
mas era o medo que inspirava a reza decorada,
o pedido, a prece por ajuda:
Que me livrasse da insônia
que ele mesmo causava.*



"Anioł Stróż" – colagem digital sobre obra original de Bernhard Plockhorst.

Claudio BOCZON

Artista plástico, poeta e polaco – não necessariamente nesta ordem. Criando a partir de elementos, histórias e memórias remanescentes do passado ou encontradas no cotidiano, sua produção artística é direcionada a um jogo entre a sobreposição e a transparência, o ocultamento e a revelação.

Poesia que acalma a alma

Władysław Wołowicz - nascido no vilarejo de Białoboki, no município de Gać, começa a escrever poesias para guardar na gaveta. Em 2015, aos 70 anos de idade, ela as reúne em dois livros: "Tudo o que eu amo" (Wszystko co kocham), e "Sons do Chorão" (Z poszumu wierzb), tradução da autora. Eis aqui uma pequena amostra.

Inverno na Polônia

*A neve chegou
e o frio ficou
as solas dos pés ardem.
...isso é inverno*

*Olho pela janela...
uma xícara de café,
aquece as mãos
...lá fora inverno.*

*Olho pra essa paisagem de inverno
E os pensamentos me incomodam
com Maiorca, Grécia, Ibiza
fugiria para lá de vez em quando.*

*Olho pela janela,
o que me segura aqui...
Ah! Mas não tem, não tem
como nosso inverno.*

Jasmim

*Todos surpresos se perguntam
que perfume é esse.
E eu transbordo de alegria.
Porque é o meu pé de jasmim.*

*O som das folhas
em abril e maio
é um concerto que ouço alegremente.
Oh! Que esse momento não passe.
No mundo a mesma canção
porque ainda faz frio.
Na esquina corvos se alvoroçam e trocam cheiros.
Às vezes, algum conhecido
Pergunta desse jeito:
"Pra que você precisa desse velho arbusto".
Sei que quero ele perto de casa,
enquanto a vida passar
para envelhecermos juntos
o jasmim e eu.*

Alcione NAWROSKI

Doutora em História da Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Estuda a língua polonesa para se sentir em casa



Ilustração - "Zima na łąkach" (Inverno nos Prados) Fonte: <https://koloramimalowane.blogspot.com/2017/12/magia-swiat.html>

“Tu i Tam” de João Urban



Janela em Zyevicz, Polônia, 1988.

No extenso ensaio fotográfico que virou exposição e também livro com o título de “Tu i Tam”, João Urban reconstrói a saga dos imigrantes poloneses através de seus descendentes, que se estabeleceram no Sul do País. Além disso, retrata também locais na Polônia que têm semelhança ar-

quitetônica e paisagística com as colônias brasileiras, daí o sugestivo título de “Aqui e Lá”. As fotografias foram feitas entre 1980 e 2004, nas colônias de Tomás Coelho, Murici, em São José dos Pinhais e Santana e Rio do Banho em Cruz Machado. Com a palavra, o autor:

“O livro com o nome de “Tu i Tam”, foi lançado em 2004, com textos da Tereza Urban, minha irmã, do Luiz Carlos Felizardo e do Rubens Fernandes Junior, além de um texto meu. Ele foi distribuído nas colônias para todas as pessoas que foram fotografadas. Foi lançada aqui, no MON, e também em São Paulo e Brasília. O livro está com a edição esgotada aguardando uma segunda edição. As exposições foram várias, a primeira foi na galeria do Bادهp, em 1980 por ocasião da visita do Papa Karol Wojtyla, contando com sua visita. Em seguida foi na Galeria da Funarte no Rio de Janeiro em 1984, chamada “Buscando Raízes”, ainda com fotografias apenas do Paraná, depois foi para a Polônia, uma exposição Itinerante por várias cidades, Varsóvia, Koszalin, Cracóvia e outras, em 1988, no mesmo ano em que fui lá fotografar. Depois a mostra foi apresentada em formato menor na cidade de Lille na França, em um festival de fotografia, em Katowice também em um festival de artes, e na China. Re-



Interior da casa de troncos centenária na antiga propriedade da família Culpá, transformada atualmente em Museu do Lápis, pela fábrica de lápis Labra. Tomás Coelho Araucária, Pr. 1980.

FOTOS DO MÊS

centemente uma série dessas fotografias compôs uma exposição intitulada "Aproximações", junto com fotografias que fiz em 2013 de colônias ucranianas. Essa exposição foi apresentada nas cidades onde fotografei, em seguida teve uma inauguração simultânea em Lviv, na Ucrânia, em Poznan na Polônia e na Colônia Murici, aqui no Paraná. A mais recente apresentação desta exposição foi no Museu Paranaense em 2019, "Aproximações" no Museu Paranaense, exposição que contou com um expressivo apoio do Consulado Polonês, principalmente na pessoa do ex-Cônsul Marek Makowski".

*João Aristeu Urban (Curitiba PR 1943). Fotógrafo. Começa a fotografar como amador por volta de 1964, quando registra passeatas, manifestações populares e grupos teatrais em Curitiba. No fim dos anos 1960, profissionaliza-se nas áreas de publicidade e fotografia industrial. Paralelamente, realiza ensaios sobre presidiários, pescadores e operários de uma fábrica de cimentos no Paraná. Desde 1973, participa de exposições no Brasil e no exterior. Entre 1977 e 1980, documenta trabalhadores agrícolas diaristas, o que dá origem aos livros *Bóias-Frias, Tagelohner in Süden Brasiliens*, 1984, publicado na Alemanha, e *Bóias-Frias, Vista Parcial*, 1988, lançado no Brasil. Participa da 14ª Bienal

Internacional de São Paulo, em 1977. Em 1981, expõe na Galeria do Instituto Nacional da Fotografia da Fundação Nacional de Arte - Funarte, no Rio de Janeiro. Na década de 1980, inicia o projeto de documentação do Caminho das Tropas, estrada que vai de Viamão, Rio Grande do Sul, a Sorocaba, São Paulo. O resultado é reunido no livro *Tropeiros*, 1991. De 1980 a 1988, retrata imigrantes poloneses e seus descendentes que vivem em cidades paranaenses.

Essas fotos são mostradas na Polônia, em 1987, e reunidas no livro *Tu I Tam: Poloneses Aqui e Lá*, 1997. Recebe o Prêmio J.P. Morgan de Fotografia, em 1999. Entre 1999 e 2002, registra festas religiosas na cidade de Aparecida, São Paulo, junto com Suzana Barretto (1963). O trabalho é publicado no livro *Aparecidas*, em 2002. O fotógrafo recebeu ainda vários prêmios e títulos, tem livros publicados e exposições em vários países do mundo. Suas fotografias estão em acervos públicos do Brasil e do exterior.

(Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa17673/joao-urban>)



"Altar Doméstico". Santana, Cruz Machado, 1995.



“Tylko zdechłe ryby płyną z prądem” - Somente peixes mortos nadam com a correnteza

O movimento BRASPOL conta com 30 anos de existência. Muito aprendemos e muito descobrimos nesse tempo o que precisa ser feito para salvar/consolidar a contribuição polônica ao Brasil. Jovens dançarinos do Grupo “Kalina” da BRASPOL de Nova Prata deixam de ter ensaios em cumprimento ao isolamento devido à pandemia. Além das danças, eles tem a missão de levar ao ar pela Rádio Prata, com toda autonomia, “Hora Polonesa”, todos os domingos, às 12 horas (<https://www.radioprata.com.br/>). Em uma das edições do mês de junho, nos emocionaram com uma apresentação radiofônica que, abaixo, compartilhamos. Primeiramente, pronunciaram o texto traduzido por eles:

Oh, Deus bondoso.

Tudo o que Você criou, foi muito bom e foi o seu presente para nós.

Sempre, quando perdidos nos afastávamos de Você, Você mesmo vinha ao nosso encontro para que não nos perdêssemos.

De todo o mal ou desgraça, Você extraía o bem. Da escravidão conduzia à liberdade. Da doença, à cura. Da morte, à vida.

Agora, Senhor, quando o mundo inteiro está mergulhado em morte, doença e tristeza, fique conosco e nos permita experimentar a Sua bondade.

Cure nossos olhos e corações para que possamos ver a realidade com amor e esperança.

Permita condoer-nos com o sofrimento daqueles que adoeceram e com seus entes queridos.

Permita-nos sentir gratidão pelo heroísmo dos médicos, enfermeiros e de todos os que cuidam dos doentes.

Preencha-nos de esperança de que o conhecimento e a sabedoria dos cientistas ajudarão, em breve, vencer a doença.

Inflame nossos corações, para que desejemos ajudar a quem precisa: - com gestos simples e de bondade, na nossa comunidade, para que fique em casa; - com orações, no mundo inteiro.

Ensine-nos a considerar esse momento de isolamento, como deserto ao qual Você sempre conduziu aqueles a quem amava, para que eles pudessem ouvir Sua voz. Permita-nos agora a encontrá-Lo na saudade dos Sacramentos e na saudade daqueles que amamos, mas que até eles não podemos chegar.

Dê-nos a fé de que aqueles que já partiram, foram convidados por Você para um mundo melhor do que este, que bem conhecemos.

Pedimos isso a Você, que a tudo perpassa, e tudo está em Você, que vive e reina para todo o sempre. Amém.

(O autor da oração é Dominik Dubiel SJ.)

Em seguida, foi ouvido o áudio original em polonês:

https://www.youtube.com/watch?v=ky-409m_tkk

A impressão que temos é de que nossos jovens nadam contra a correnteza e assim desejamos que seja em todos os Núcleos da BRASPOL.

BRASPOL – RS
André HAMERSKI

Errata:

1. No artigo "Enigma" publicada no boletim 15 na página 20, onde se lê "No ano de 2017, na Europa, uma máquina Enigma da Segunda Guerra Mundial foi avaliada em mais de **50 milhões** de dólares", leia-se **50 mil** dólares".

2. No artigo "Uma (breve) incursão histórica pela culinária polonesa" publicado no boletim 15, na página 13, o texto inicia com um poema atribuído a Paulo Leminski. Na verdade é um poema de Adam Mickiewicz, traduzido por Paulo Leminski.